

Reportagem Especial

MULHERES QUE MATAM

Morte por fofoca, ciúme e dinheiro

Movidas também por inveja e vingança, elas deixam a fragilidade e se tornam assassinas. Cento e duas acusadas foram presas este ano

Michelli Possmozer

Ciúme, inveja, ambição, fofoca e humilhação são alguns dos motivos que levaram 102 mulheres ao sistema prisional do Estado após cometerem assassinatos. Segundo a Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), até o último dia 30 de setembro, das 1.165 detentas da população carcerária feminina, 98 tinham sido presas por homicídio.

Mas, no mês passado, mais quatro mulheres foram para a cadeia acusadas de cometer assassinatos, conforme foi noticiado pela reportagem de **A Tribuna**, o que elevou o número de presas.

Uma delas foi a jovem Poliana Soares Mendes, de 20 anos, que foi para o presídio no dia 16 do mês passado, após se apresentar na delegacia e confessar em depoimento que matou a adolescente Izabelly Falcão, de 14 anos.

A menina foi morta com três tiros no último dia 15, no portão de casa, no bairro Grande Vitória, um dia depois de ter se queixado com o namorado sobre uma discussão que teve com a acusada em função de boatos de que Poliana queria bater nela. A própria acusada confessou, com frieza, em entrevista à imprensa, que matou por causa de fofoca. “Foi uma discussão, aconteceu e acabou”.

PERFIL

Poliana Soares Mendes

- > TEM 20 anos
- > ELA ERA amiga de Izabelly Falcão, 14 anos
- > CONFESSOU para a polícia que deu três tiros em Izabelly por causa de fofoca
- > ELA AGIU com frieza



FERNANDO RIBEIRO 16/10/2013

POLIANA se entregou no último dia 16 e confessou que matou a tiros Izabelly Falcão, de 14 anos, por causa de fofoca

Já o que levou a empresária Gilvana Pereira Tesch, de 35 anos, à prisão no último dia 29, foi a ambição. Ela é acusada de mandar o pai matar o marido – o empresário Arnaldo Tesch, 36 anos, morto no dia

10 de outubro do ano passado, em Santa Maria de Jetibá – para receber herança, além de seguro no valor de R\$ 700 mil.

O fato de ser humilhada e querer se vingar de uma colega de quarto motivou a balconista Luercilaine das Neves Delfino, 29 anos, a matar Tatiele Pereira de Matos, 23 anos, com óleo quente. Luercilaine foi presa no dia 18 do mês passado, em Vitória, e confessou que matou a colega no dia 15 de março deste ano porque ela a chamava de Exu.

Apesar dos casos citados, o secretário de Estado da Justiça, Sérgio Alves Pereira, afirmou que as

principais motivações para o crime de homicídio entre as detentas são passionais e tráfico de drogas. “A maioria mata pela necessidade de se manter no comércio de drogas ou em razão de ciúmes”.

Segundo o titular da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), delegado Cláudio Victor, na maior parte dos assassinatos praticados por mulheres ocorre a utilização de arma branca ou outro instrumento e no âmbito familiar.

“A maioria ocorre no interior da residência tendo como vítima o marido ou companheiro”, afirmou o delegado.

“Elas são mais frias”, diz promotora de Justiça

A convivência diária com detentas no sistema prisional do Estado leva a coordenadora do Grupo Especial de Trabalho em Execução Penal, a promotora de Justiça Viviane Barros Partelli, a acreditar que as mulheres, quando matam, são mais frias.

“Quando as mulheres são muito bandidas, elas são mais frias e têm um perfil criminológico mais complicado, até porque não é da sensibilidade de uma mulher tirar a vida e sim dar vida”, pontuou.

A promotora citou o caso de uma detenta, que está presa por tráfico, mas que, em uma conversa informal, confessou que já matou mais de 10 pessoas.

“É difícil pegar um depoimento desse de uma mulher, mas como já estava há horas conversando, ela sentiu confiança e disse que abastecia alguns morros de Vitória no tráfico. Ela mesma falou que só não matava criança, já o resto, se passou na frente, ela não tinha pena”.

Partelli acredita que há outros casos de detentas que cometeram homicídios e não respondem criminalmente pelas mortes em razão de não serem descobertas. “Eu acho que elas são mais discretas que os homens, pois a mulher pode ser mais articulada. Talvez, por isso, que homicídios cometidos por mulheres envolvidas no tráfico sejam mais difíceis de apurar, pois elas sabem executar sem deixar rastros”, ressaltou.

CASOS

Marido é morto a pauladas

A doméstica Edneia Rodrigues de Lima, 34 anos, foi presa em 22 de junho deste ano, acusada de matar a pauladas o marido, Valdir Ferreira de Almeida, 52 anos, durante uma briga. Em entrevista, ela disse: “Bati nele até morrer, não dei chance”.



RODRIGO GAVINI 22/06/13



FÁBIO NUNES 25/04/12

Morte por causa de ciúmes

A jovem Dayane Pinto de Souza, 24 anos, foi presa no dia 24 de abril deste ano, acusada de executar com três tiros o segurança John Alves de Jesus, 26 anos, em um bar no centro de Vitória, em março deste ano, por causa de ciúmes da namorada. O segurança teria assediado a companheira dela e Dayane não teria gostado.



FÁBIO NUNES 19/10/13

Assassinado com facada

Após uma discussão, a diarista Natalina Maria Félix, 52 anos, matou o marido, o caideirante Edmar Pereira Rocha, 53 anos, com uma facada no peito. O crime foi no dia 18 do mês passado, na casa onde o casal vivia, em Jacaraípe, na Serra, após ela passar a tarde bebendo em um bar.



JULIA TERAYAMA 26/09/2012

POLÍCIA MILITAR DE RONDÔNIA

Crime por inveja

A dançarina Adayane Matias, 20 anos, é acusada de mandar matar a dançarina Alini Gama, 21 anos, morta pelo namorado de Adayane no dia 21 de setembro do ano passado, em Cariacica. Ela teria inveja de Alini e queria a vaga dela em um concurso de dança.

Ação por dinheiro

Preso no dia 7 de novembro de 2012, Marilene Santos de Souza, 43 anos, é acusada de mandar matar o irmão de sua patroa por causa de dinheiro. O engenheiro Otaviano Gomes Filho, 65, foi morto com cinco tiros, na Praia de Camburi, em 2009.

RESSOCIALIZAÇÃO

A promotora analisa, ainda, que a mulher condenada por homicídio, em função do risco social, deveria receber maior atenção na ressocialização. “É claro que a ressocialização com a mulher é mais bem-sucedida, mas caberia um exame criminológico nos casos em que a presa apresenta maior periculosidade, para saber se ela realmente foi ressocializada ou continua do mesmo jeito que entrou”.



FÁBIO NUNES 06/08/2013

VIVIANE PARTELLI: “sem rastros”

Reportagem Especial

MULHERES QUE MATAM

Absolvidas depois de confessar morte

Não são incomuns casos de mulheres que foram absolvidas em júri popular mesmo depois de ter matado o companheiro, segundo advogados.

O advogado criminalista Marcelo Nogueira contou que já defendeu seis mulheres que mataram o marido ou companheiro e, em todos eles, elas foram absolvidas.

“São casos em que os jurados entendem que a mulher agiu em legítima defesa porque foi agredida durante muito tempo e se viu obrigada a cometer o crime de homicídio para se defender”.

O advogado e professor de Direito Rivelino Amaral também afirmou que já defendeu várias mulheres nessa situação que foram absolvidas pelos jurados.

Ele explicou que a lei traz um mecanismo de exclusão do crime quando fica comprovado que o réu agiu em legítima defesa, mas é preciso que a pessoa reaja a uma agressão, usando de forma mode-

rada os meios necessários para a defesa.

Amaral relatou o caso de uma mãe que matou o marido para defender os filhos e foi absolvida, pois, segundo a lei, a pessoa pode agir em defesa própria e em favor de terceiros.

Essa mulher, de acordo com o advogado, conviveu 20 anos com o marido que, quando bebia, ficava violento e batia nos três filhos. Ela matou o marido com duas facadas.

“Via de regra, os homicídios praticados por mulheres são uma reação às humilhações, ameaças e lesões corporais que vêm sofrendo há muito tempo, inclusive, há anos, o que justifica o fato de elas cometerem crimes dessa natureza. Todas, nesses casos, ficam arrependidas e, infelizmente, mataram porque não tiveram alternativa”.

Amaral afirmou, inclusive, que há casos em que a mulher mata o filho porque estava no estado puerperal – conhecido como de-

DONA DE CASA 22 ANOS

“Preferi tirar a vida dele do que perder a minha”

Após sofrer dois anos com surras diárias e sessões de tortura, uma dona de casa de 22 anos matou o marido com três tiros enquanto ele dormia, há cerca de dois anos. Ela chegou a ser presa, mas foi absolvida pelo júri popular, após os jurados entenderem que a mulher não tinha alternativa a não ser matar o marido.

A TRIBUNA – Como era o seu casamento?

DONA DE CASA – Era um tormento, meu marido me batia todos os dias. Namorava ele desde os 16 anos e, dos 18 aos 20, ele me agredia. Aguardei até o dia que peguei a arma que tinha em casa e dei três tiros nele enquanto ele dormia.

> Por que decidiu matá-lo?

Porque cansei de sofrer. Porque se eu continuasse, ele iria me matar, então eu preferi tirar a vida dele do que perder a minha. Não tinha um dia que eu não apanhava. Ele me dava porrada, o que tinha perto ele jogava em mim, me queimava com cigarros... Não sei se ele usava drogas, mas todo dia ele chegava nervoso e, qualquer coisa que eu dissesse, ele já vinha com agressão.

> Por que tinha arma em casa?

Foi meu marido que levou, dias antes de eu matá-lo. Num domingo, ele me mostrou a arma e disse que tinha comprado para mim, e que eu não iria passar daquela semana. Foi aí que fiquei desesperada com medo de morrer. Nesse dia,

vi que ele tinha guardado a arma debaixo do armário da cozinha.

> O que fez depois de atirar?

Corri. Deixei o local sem saber que ele tinha morrido. Entrei em pânico porque nunca tinha cometido um crime. Fiquei tão desesperada que corri para casa dos meus parentes, que me deram o telefone de um advogado. Depois eu me apresentei na delegacia.

> Atirou pensando em matar?

Sim. Fiz isso por medo.

> Chegou a ser presa?

Fiquei três semanas presa, mas fui absolvida no júri.

> O que pensava na prisão?

Ah, só de estar lá dentro e não ter de apanhar, já estava bom. Porque se eu estivesse em casa, com ele, poderia estar morta.

> Está arrependida?

Eu me arrependo porque o único que tem o direito de tirar a vida de alguém é Deus, mas antes a vida dele do que a minha.

> Tentou se separar antes?

Uma vez, tentei sair de casa. Mas ele não deixou e foi aí que passou a me bater mais ainda. Ele deixou uma cicatriz no meu rosto que tenho até hoje, de um corte que fez em mim com um caco de vidro.

> Tentou pedir ajuda?

Ele não deixava. Se eu pegasse o telefone, apanhava. Ele me mantinha em cárcere privado. Uma vez, ele me acorrentou dois dias porque eu falei que iria embora. Não gosto nem de lembrar (choro).

> Como ficou após o crime?

Tive de mudar de bairro, às vezes, fico chorando sozinha. Alguns me olham atravessado, mas não ligo, porque poderia estar morta. Apesar de tudo, aprendi uma lição e quero deixar um recado: “Mulheres, abram o olho! Se apanhou uma vez, vão apanhar sempre”.

“Ele me mantinha em cárcere privado. Uma vez, ele me acorrentou dois dias porque eu falei que iria embora”



ANTONIO MOREIRA/AT

O ADVOGADO MARCELO NOGUEIRA já defendeu seis mulheres que mataram o marido ou companheiro e, em todos eles, elas foram absolvidas. “São casos em que os jurados entendem que a mulher agiu em legítima defesa porque foi agredida durante muito tempo e se viu obrigada a cometer o homicídio para se defender”

pressão pós-parto – e caso esse estado seja comprovado ela pode ser absolvida. “Tenho aqui no escritório o caso de uma mãe que matou e enterrou o bebê e não sabe dizer por que fez isso”.

O advogado criminalista Marco

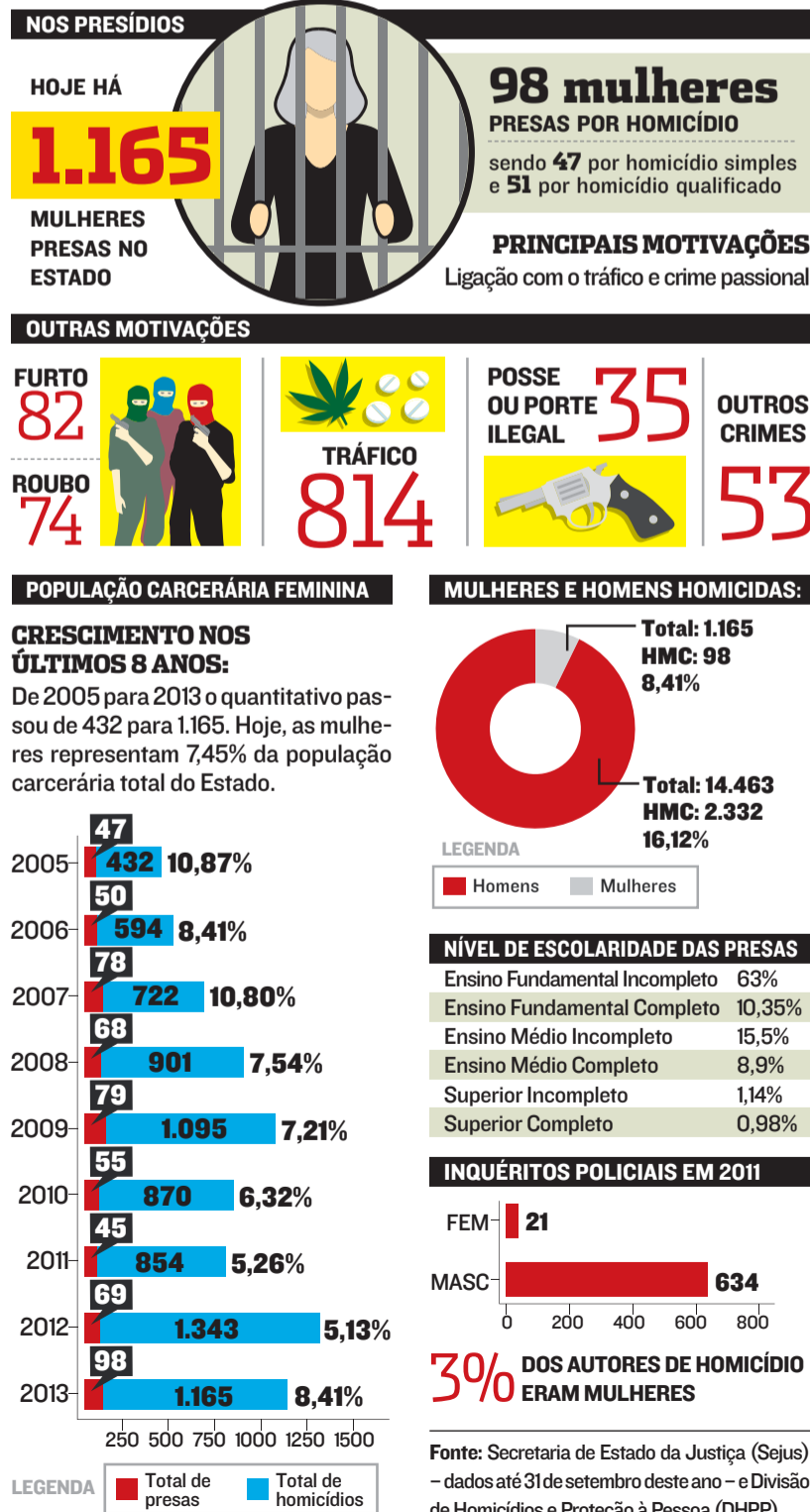
Antonio Gomes contou que, geralmente, nos casos em que as mulheres matam em legítima defesa, elas só dão uma resposta violenta depois de muita provocação do marido ou companheiro.

“Defendi uma moradora da Ser-

ra que matou o marido e foi absolvida porque ele era um monstro e a maltratava. Também fiz a defesa de uma mulher que matou o companheiro porque ele ameaçou jogar o filho dela pela janela. Ela não teve alternativa senão matá-lo”.

Atrás das grades

Em sete anos, número de presas quase triplicou: de 432 para 1.165



Especialista diz que mulheres matam movidas pela paixão

Ao analisar de imediato o comportamento do homem e da mulher homicida, a tendência é pensar que nada os diferencia. Mas segundo a professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e especialista em gênero Beatriz Nader, as mulheres que cometem assassinatos, em geral, matam movidas pela paixão.

“Ao observar as diferenças de gênero, a história mostra que os homens, na maioria das vezes, ainda matam pela honra (entenda-se a mudança de sentido dado ao termo ao longo dos anos) e pelo patrimônio (tão caro a eles), e as mulheres, pela passividade que durante muito tempo têm lhe sido imputada, a paixão”, explicou.

Ainda segundo a especialista, há estudos que levam a crer que as mulheres cometem mais crimes passionais do que os homens. “Vários autores que estudam o crime, não somente no Brasil, mas também em outros países, tendem a afirmar que as mulheres cometem o crime passional com mais frequência do que os homens. Mas, nada disso é comprovado”.

CONTEXTO

Já para a psicóloga e professora do curso de Psicologia da Faema Mônica Trindade Pereira S'antana, o crime de homicídio está relacionado ao contexto social de quem o pratica.

“O crime cometido pela mulher é mais criticado em função da mulher ter a característica de ser cuidadora e protetora e, quando ela quebra esse lugar social que é dado a ela, causa espanto. Mas o homicídio tem muito mais a ver com o contexto social do que com o fato de ser mulher”, acredita.